

EPISTEMOLOGIA E ESPIRITISMO

*Alessandra dos Santos Pereira*⁴⁹

Introdução

Desde os períodos imemoriais, o homem se vê confrontado com o desafio de compreender a realidade. A aurora do conhecimento desenvolveu-se a partir da construção de um “pensamento mágico” capaz de gerar entendimento e sentido aos fenômenos.

Mas, sua fabulosa curiosidade intelectual projetou-o a encontrar respostas racionais para o desafio cotidiano, lançando-o à aventura de controlar o ambiente e tudo aquilo que de algum modo ameaçava sua existência. Conhecer e explicar a realidade passou a fazer parte do rol de elaborações que se dedicavam a apreender a verdade última das coisas, culminando numa evolução intelectual extraordinária.

Os diversos caminhos de conceber o conhecimento foram tomando forma, estabelecendo territórios particulares sobre o que considerar como verdade e os métodos necessários para se ter acesso a essa verdade. Ciência, filosofia e religião constituíram o berço de domínios específicos do saber humano, embalados pelas dúvidas do que é o conhecimento e como ter acesso a ele.

Neste cenário, Kardec, o codificador do Espiritismo, influenciado pela tradição científica da sua época, estabeleceu seu objeto de estudo, a partir dos fenômenos das “mesas girantes”, utilizou dos métodos de investigação próprios da ciência do século XIX, e circunscreveu a codificação nas formas possíveis de estruturar o conhecimento advindo da ciência clássica.

Com isso, suas ideias estão suscetíveis a uma leitura epistemológica, passível de ser feita sobre qualquer campo do conhecimento. Acontece que, explícita ou implicitamente, a epistemologia do conhecimento é geradora de pressupostos, que por sua vez influenciam práticas advindas dessa forma de entendimento.

Desse modo, as considerações aqui descritas não significam um questionamento sobre o Espiritismo, mas sim um esboço de compreensão das práticas decorrentes do processo histórico que marcaram a codificação. Eis, portanto, o objetivo deste artigo: identificar os pressupostos epistemológicos do Espiritismo, bem como, refletir sobre as influências paradigmáticas nas práticas do Movimento Espírita.

Epistemologia

A epistemologia costuma ser associada frequentemente à filosofia da ciência. Porém, a Filosofia da Ciência é mais abrangente e diz respeito aos fundamentos, pressupostos e implicações filosóficas da ciência. Por isso, a filosofia da ciência estende-se à ontologia (ao ser) e à epistemologia (ao conhecer).

Oliva (2003) diz que a epistemologia é uma teoria do conhecimento e ocupa-se dos critérios pelos quais este se justifica, considerando as circunstâncias históricas, psicológicas e sociológicas que levam à obtenção deste conhecimento. Assim, pode-se compreender a epistemologia como a crítica, o estudo ou o tratado do conhecimento da ciência. O desafio da epistemologia é responder “o que é” e “como” alcançamos o conhecimento?

Chalmers (1995) fala que nos debates sobre “o que é o conhecimento?” as considerações de Platão (427 – 347 a.C.) dão origem às discussões, revelando o

⁴⁹ Estudante do EADE da Fundação Allan Kardec

conhecimento como “crença verdadeira e justificada”, ou seja, para alguém conhecer algo é necessário acreditar nesse algo, e essa crença deve ser verdadeira, e que a razão para acreditar que esse algo é verdadeiro é a satisfação de algum critério. Há, contudo, sérias limitações em justificar a crença verdadeira como equivalente ao conhecimento. Salvaguardadas as diversas proposições que ora acrescentam condições, ora partem para a busca de um enunciado mais definidor, essa discussão atravessa os tempos sem, contudo, solucionar as inquietações. Por outro lado, outra questão que se impõe paralelamente a esta discussão é a de como o conhecimento é adquirido?

Oliva (1990) esclarece que este questionamento abre espaço para o surgimento de duas posições concorrentes. Os chamados empiristas, que dizem que o conhecimento deve ser baseado na experiência, ou seja, naquilo que pode ser apreendido pelos sentidos, e nesta posição temos teóricos britânicos como: Bacon, Locke, Berkeley e Hume, e, na outra vertente, os racionalistas alemães, que postulam que a fonte do conhecimento se encontra na razão e não na experiência, sinalizados por Leibniz e Descartes como seus grandes pensadores. Para os empiristas a ciência é natural, para os racionalistas a ciência é obtida por intuição e inferências racionais.

Mais tarde, surge a teoria do conhecimento de Kant (2002), também chamada de “filosofia transcendental” ou “idealismo transcendental”. Seu objetivo foi justificar a possibilidade do conhecimento científico dos séculos XVII e XVIII, partindo da constatação de que nem o empirismo britânico, nem o racionalismo alemão explicavam satisfatoriamente a ciência. Kant mostrou que, apesar de o conhecimento se fundamentar na experiência, esta nunca se dá de maneira neutra, pois a ela são impostas as formas *a priori* da sensibilidade e do entendimento, característica da cognição humana.

Outrossim, a perspectiva transcendental kantiana foi complementada por Hegel, colocando-a no contexto da história. Ele sistematizou o ideal kantiano, destacando a forma dialética. O método dialético possui várias definições, tal como a hegeliana, a marxista, entre outras. Para alguns, ela consiste em um modo esquemático de explicação da realidade que se baseia em oposições e em choques entre situações diversas ou opostas. Os elementos do esquema básico do método dialético são a tese, a antítese e a síntese.

Vasconcelos (2002) afirma que essas discussões continuam ao longo do desenvolvimento da ciência tal como a conhecemos hoje. Com isso, podemos observar que na epistemologia existem mais perguntas que respostas. Porém, é imperioso considerar que o uso do termo “epistemologia” tem sido empregado de várias maneiras, tornando-se fácil encontrar na literatura diversos sentidos, que variam desde o de teoria do conhecimento, até o de visão pessoal do mundo, passando pelas ideias de paradigma e cosmologia.⁵⁰

Interessa para efeito deste artigo a compreensão proposta por Vasconcelos (2002) de que todo conhecimento possui, de modo implícito ou explícito, uma epistemologia. O que significa dizer que, de modo geral, todos os conhecimentos tentam responder a perguntas básicas, tais como: o que é o mundo? Quem é o homem? Que é e como é o conhecimento que o homem pode ter do mundo? Essas perguntas remetem a um campo de saber e um campo de práticas, melhor dizendo,

⁵⁰ A cosmologia dedica-se ao problema de compreender o mundo, incluindo a nós e nosso conhecimento como parte deste mundo

essas perguntas remetem a questões sobre o ser (ontologia) e sobre o conhecer (epistemologia) revelando um campo teórico e prático ao mesmo tempo.

Outro aspecto importante adotado como parâmetro para este artigo é a contribuição do antropólogo Bateson (1972) sobre epistemologia como sendo “a concepção que se tem do objeto”. Este autor explica que nos contextos amplos em que aprendemos a aprender ou aprendemos regras, premissas básicas de conduta e comunicação, há uma epistemologia implícita que todo mundo tem, que não é algo herdado, mas sim, algo construído a partir das experiências e comunicações que a pessoa vai tendo ao longo da vida. Esse sentido epistemológico configura uma visão de mundo e, caso não o indivíduo, grupo social ou instituição não se dê conta deste pressuposto implícito, corre o risco de ficar sujeito a uma ideologização ou um dogmatismo, transformando essa visão na única verdade aceitável.

É, portanto, numa compreensão de epistemologia como campo teórico e prático que constrói uma visão de mundo, que este artigo assenta suas bases.

Paradigma

O termo paradigma vem do grego *parádeigma*, que significa modelo ou padrão. Ele funciona como filtro que seleciona o que se percebe e se reconhece do mundo, levando os indivíduos, muitas vezes, a recusar ou a parcializar os dados que não combinam com suas expectativas.

O termo paradigma foi introduzido por Kuhn (1962). Interessado em compreender uma teoria a partir do seu contexto, Kuhn percebeu que a ciência tradicional não correspondia ao modo pelo qual a ciência real nasce e se desenvolve ao longo do tempo. Ele esclareceu que ciência tal como conhecemos hoje é fruto de revoluções ocorridas em sua historicidade. Criou uma estrutura de compreensão do caminho da ciência que abrange as seguintes fases:

- a) pré-paradigmática: que remete às origens de qualquer ciência, quando os elementos ainda não estão coordenados em um corpo teórico;
- b) ciência normal: quando a este conhecimento se estabelece e dá origem a um paradigma;
- c) crise: quando este conhecimento passa a sofrer acréscimos, mudanças ou reformulações;
- d) revolução: quando discussões e divergências passam a criar alternativas que começam a ser levadas a sério, dando origem a outro paradigma. Quando um novo paradigma vem a substituir o antigo, ocorre aquilo que Kuhn chama de “revolução científica”.

Entretanto, a ideia de paradigma sofreu inúmeros questionamentos que não cabe aqui pormenorizar. Interessa saber que, de modo geral, o esquema proposto por Kuhn à filosofia da ciência vem sendo considerado como uma importante tentativa contemporânea de compreensão da ciência. Isto equivale dizer que o cientista, ao buscar compreender o mundo, o faz baseado em crenças e valores compartilhados com os membros de uma determinada comunidade, colaborando assim com uma concepção ou visão de mundo mais ou menos padronizada.

Portanto, o tempo todo o mundo é visto e percebido através dos paradigmas, que influenciam não apenas nas percepções, mas também nas ações, levando os indivíduos a acreditar que existe um “jeito certo” de fazer as coisas, tornando-os muitas vezes refratários a ideias novas, pouco flexíveis e resistentes a mudanças.

Espiritismo, Paradigma e Epistemologia

Sem a pretensão de esgotar o assunto, mas abrindo campo para diálogos possíveis sobre a proposta epistemológica do Espiritismo, iremos identificar os pressupostos presentes na codificação kardequiana em seus aspectos científico, filosófico e religioso. Apresentaremos muito mais perguntas do que respostas, mas o sentido maior é proporcionar uma reflexão lúcida sobre as implicações paradigmáticas decorrentes dos pressupostos epistemológicos.

1 Aspecto Científico

Pires (2000), em seu artigo intitulado “Epistemologia Espírita”, esclarece que este termo não é mencionado na obra de Kardec, mas está nela toda integrada, sendo um dos problemas fundamentais da doutrina, indispensável à sua compreensão.

Contudo, este mesmo autor esclarece que a própria introdução de O Livro dos Espíritos deixa clara a posição Epistemológica do Espiritismo, dizendo:

A ciência, propriamente dita, é, pois, como ciência, incompetente para se pronunciar na questão do Espiritismo: não tem que se ocupar com isso e qualquer que seja seu julgamento, favorável ou não, nenhum peso poderão ter. O Espiritismo é o resultado de uma convicção pessoal, que os sábios como indivíduos, podem adquirir abstração feita da qualidade de sábios. Pretender deferir à questão a ciência equivaleria a querer que a existência ou não da alma fosse decidida por uma assembléia de físicos ou de astrônomos (KARDEC, 2007, item 7, pág. 43)

E continua:

Quando a Ciência sai da observação material dos fatos para apreciá-los e explicá-los, abre-se para os cientistas o campo das conjecturas. Cada um constrói o seu sistemazinho, que deseja fazer prevalecer e o sustenta encarniçadamente. Os fatos são o verdadeiro critério dos nossos julgamentos sem réplica. Na ausência dos fatos, a dúvida é a opinião do homem prudente. (KARDEC, 2007, item 7, pág. 42)

A ciência a que Kardec se referia, século XIX, estava restrita à proposta científica típica de seu tempo, ou seja, experimentação, observação e análise dos fenômenos a partir de parâmetros mensuráveis.

As ciências de modo geral travavam verdadeiras batalhas intelectuais sobre o que é o conhecimento e como ter acesso a ele. As proposições empiristas, na qual o conhecimento é possível através da experiência, fizeram parte do bojo estrutural em que se processou a codificação, remetendo o Espiritismo nascente ao campo epistemológico das experiências. Por outro lado, a argumentação racionalista que impõe a intuição e as inferências racionais como elemento fundante do conhecimento também influenciou Kardec na trajetória de construção da Doutrina dos Espíritos, ancorando sua proposta numa epistemologia racionalista.

Observa-se com isso que em suas primeiras descobertas o Espiritismo sugere um pressuposto empírico-racional, porquanto Kardec utilizou-se do método científico, indutivo e dedutivo, para investigar os fenômenos que o inquietaram. Mais tarde, essa proposta aproxima-se daquilo que Kant fez, equacionando a distância entre o empírico e o racional e propondo um ideal transcendente que mais adiante iremos abordar.

Interessa saber, no entanto, qual o legado deixado por estas tradições que, de algum modo, influenciam as práticas do Movimento Espírita? Para responder tal

questionamento, é necessário primeiramente perguntar se existe uma prática científica no Movimento Espírita? E, se existe, quais seus métodos de investigação? Há um método próprio para investigar o espírito? E o corpo (matéria)? Como se articula conhecimento sobre o corpo e suas relações com o mundo invisível? Como se constrói o conhecimento espírita? Ainda estamos atravessados pelos métodos das ciências tradicionais? Ou aguarda-se o avanço da ciência comum para “confirmar o que diz a espiritualidade”, numa atitude passiva e ausente do espírito de investigação?

Certamente tais questionamentos não significam dizer que não haja pessoas interessadas em fazer ciência espírita. Observa-se o esforço de alguns investigadores de certas regiões do Brasil numa tentativa de delinear alguns apontamentos sobre o assunto. Mas, e nas chamadas “terras amazônicas”? Existe investigação?

2 Aspecto Filosófico

Os resultados de Kardec culminaram na descoberta do espírito como fonte inteligente dos fenômenos, lançando o codificador para um campo metafísico à sua época. Neste sentido, a construção filosófica dos postulados espíritas tornar-se-ia necessária, uma vez que essa descoberta remete a uma ontologia (ser).

A concepção filosófica do Espiritismo caminha *pari passu* com o desenvolvimento científico do século das luzes. Havia grandes questões que permeavam a reestruturação da filosofia enquanto ciência.

Diferentemente da tradição até então vigente, que dizia haver tantas substâncias quanto havia gêneros e espécies, os filósofos modernos falavam em três substâncias: a pensante (o homem); a extensa (os corpos) e a infinita (Deus). Com estes conceitos, os empiristas e racionalistas elaboraram diferentes visões metafísicas, que basicamente se apoiavam nos conceitos de substância pensante, extensa e infinita.

Kant (2002), filósofo alemão racionalista e simpático às ideias newtonianas, assume a tarefa de colocar a filosofia sobre bases mais sólidas, interrogando-se sobre as próprias possibilidades da razão. Kant concorda com Hume que o conhecimento tem origem na experiência. No entanto isto não significa que o saber dependa unicamente da experiência sensível. Segundo ele, a realidade física é a *posteriori* - a partir da experiência, por indução - sendo um erro atribuir a este mundo de diversidades sensíveis algum princípio universal. Toda ciência racional, dizia, deve ser fundamentada em princípios *a priori*, dedutivos e independentes da experiência. Sendo assim, a experiência é uma unidade sintética que abriga não é apenas a combinação de matéria e forma, mas também a combinação das formas de intuição e do entendimento e das suas relações funcionais.

Hartmann (1976) propõe que a perspectiva empírico-racionalista proposta por Kant nada mais é do que a confluência das ideias empiristas e racionalistas influenciadas pelos ideais do iluminismo, que propunham instaurar o domínio da razão e da liberdade.

Henry (1998) comenta que a proposta kantiana acabou formulando um conceito de ética. Kant acreditava que a consciência moral é um dado tão evidente quanto os corpos da física de Newton. Seria a razão aplicada à ação, uma ação que seria moral. A aceitação pelos homens da lei moral é - diz Kant - prova de que existe uma ordem que transcende o sensível, cujo fundamento único é a existência de Deus. Deduz assim, a metafísica, não da ciência e dos sentidos, mas da ética. A ética kantiana está centrada na noção de dever.

Kahhale (2008) afirma que a Dialética de Hegel surge mais tarde, influenciada pelas ideias de Kant, não como método, mas como movimento conjunto do pensamento e da realidade. Em sua obra a “Fenomenologia do Espírito”, Hegel (2001) assevera que o Espírito (razão) se concretiza nos diferentes finitos que supera, de modo que todos os momentos são indispensáveis para a vida do Espírito, pois é nesse movimento que o Espírito reflete-se em si mesmo, caminhando do “ser em-si” em direção ao “ser fora-de-si” e desdobrando-se no “ser para-si” ou “ser em-si e para-si”. Opera-se nestes movimentos a tese, a antítese e a síntese.

Segundo Pires (2000), a questão filosófica do Espiritismo está relacionada com os próprios elementos do ato de conhecer. Esclarece que no curso das tradições filosóficas, em que de um lado se tem a proposição empírica e do outro a racionalista, a Filosofia Espírita se coloca entre ambas, oferecendo uma solução dialética. E acrescenta, “nos termos da velha e boa dialética de Hegel, mostrando o equívoco desse divisionismo artificial e anunciando o advento da compreensão global da realidade”.

Isso sugere, em termos epistemológicos, que o Espiritismo enquanto filosofia investiga a “si-mesma” a partir de uma concepção implícita kantiana e hegeliana do conhecimento, carregando para dentro da Doutrina Espírita os paradigmas ou visões de mundo destas matrizes filosóficas.

O sujeito transcendental kantiano é o homem do dever, da moral, da regra e da disciplina. Mas a que homem se refere a Doutrina Espírita? A moral e o dever do Espiritismo é a mesma proposta por Kant? As regras, as disciplinas, as normas e as condutas do homem estão inscritas onde na proposta espírita?

Por sua vez, sabe-se que a história da estruturação do Movimento Espírita é atravessada pelos paradigmas que orientaram a instituição de praticamente todas as formas de organização social da modernidade: saúde, educação, jurídicas etc. Estas instituições, no dizer de Foucault (2000), foram criadas para enquadrar o sujeito a normas, regras, procedimentos e condutas inerentes ao homem moral. Até que ponto as instituições espíritas reproduzem os mesmos processos presentes nas diversas formas de organização social? E, se reproduzem, quais os dispositivos que utilizam para romper com tais paradigmas?

O Movimento Espírita está sujeito aos mesmos males que acometem toda a sociedade no sentido de receber demandas sociais que exigem uma orientação ou um posicionamento coerente com a proposta do Espiritismo. Quais as estratégias utilizadas pelo movimento que favorecem, de maneira efetiva, uma mudança social dos atores implicados nestas demandas?

É necessário descortinar temáticas delicadas, mas que carregam em si profundas reflexões sobre os pressupostos advindos dessas correntes filosóficas tão presentes no Movimento Espírita. Assuntos como “o poder no Movimento Espírita”, “o Movimento Espírita e suas relações com o Estado”, “estratificação social nos centros espíritas”, “relações sociais nos centros espíritas”, entre outros, precisam ser pesquisados e debatidos, contribuindo para o desvelamento de nosso próprio fazer, refletindo uma atitude madura, menos mítica ou menos romântica, de nossas próprias limitações. Quem sabe assim possamos fazer jus à proposta de “uma nova era para a humanidade”.

3 Aspecto Religioso

O projeto da codificação espírita se originou com a pesquisa experimental, avançou e alcançou resultados descortinando a existência do espírito como

inteligência causal. Derivaram destas deduções consequências morais: eis o tríplice caráter do Espiritismo. Ciência, Filosofia e Religião a serviço da humanidade.

O caráter religioso do Espiritismo está implícito nas obras da codificação. Kardec (2006), no texto “O Caráter da Revelação Espírita”, esclarece que “por sua natureza, a revelação espírita tem duplo caráter: participa ao mesmo tempo da revelação divina e da revelação científica”.

É interessante esclarecer que a ideia de revelação pode ser concebida de maneira dupla. Para Kardec, o caráter essencial de uma revelação é o de uma verdade. O termo verdade está sendo usado no sentido grego – *alethéia*, a verdade como desvelamento. Ele diferencia a revelação científica obtida pelos homens, a partir de seus estudos, pesquisas e passíveis de discussão, da revelação teológica, que exige uma aceitação absoluta, sem contestação. Deste modo, todas as possíveis transmissões de um conhecimento verdadeiro podem ser consideradas revelações.

Dito isto, o que a caracteriza a revelação espírita é, diz Kardec (2006), “ser divina a sua origem e da iniciativa dos espíritos, sendo a sua elaboração fruto do trabalho do homem”. E acrescenta ainda que:

o último caráter da revelação espírita, a ressaltar das condições mesmas em que ela se produz, é que apoiando-se em fatos, tem que ser, e não pode deixar de ser, essencialmente progressiva, como todas as ciências de observação (KARDEC, 2006, item 55, p. 44)

A epistemologia da proposta religiosa do Espiritismo constitui-se, por um lado, dos mesmos aspectos presentes em seu caráter científico, e por outro remete à “fé inabalável que pode encarar de frente a razão em todas as épocas da humanidade” (KARDEC, 2007).

Entretanto o próprio Kardec assevera que as religiões, em suas práticas, não são sempre instrumento de dominação, sobretudo por seu caráter dogmático, incapaz de dialogar com as verdades emergentes em cada tempo histórico. Seguindo esse raciocínio, questiona-se sobre a prática espírita: o que se busca com o conhecimento espírita é a evolução contínua do espírito ou a salvação do homem? As relações são pautadas no amor e na fraternidade ou são distorcidas pelo orgulho e egoísmo? Há aceitação dos diferentes ou se reproduz formas comprometidas de pensar o outro?

Conclusão

Certamente a proposta deste artigo não é encerrar dúvidas ou afirmar peremptoriamente as ilações aqui descritas, mas sim ampliar o campo para o espírito de investigação, timidamente praticado pelo Movimento Espírita.

Sabe-se que inúmeros são os fatores que influenciam a realidade atual do Movimento Espírita, não apenas nas “terras amazônicas”, mas no Brasil como um todo, e há fortes indícios de uma raiz histórica como mantenedora do *status quo* dos espíritas. Mas, não podemos nos furtar de refletir que um ponto significativo a ser considerado é o desconhecimento do caráter da Doutrina Espírita. O grande filósofo espírita Herculano Pires já afirmava isso num dos subtítulos de suas obras “Curso Dinâmico de Espiritismo: O Grande Desconhecido”.

Torna-se, então, necessário desenvolver um novo olhar para os conhecimentos do Espiritismo, a fim de que possamos, num primeiro momento, compreender o pensamento originário dos espíritos da codificação, e depois,

realizarmos uma reflexão compreensiva e contextualizada da historicidade da Doutrina e do Movimento Espírita.

Desse modo, quando se fala em epistemologia ou paradigmas espíritas, é recorrente o desconhecimento do que sejam esses termos ou expressões faciais típicas de quem considera o assunto de pouco valor, revelando a ignorância de boa parte dos espíritas sobre o assunto.

É possível que, mesmo hoje, se Kardec pudesse novamente definir o Espiritismo valendo-se de todos os aparatos tecnológicos, comunicacionais, psicológicos, filosóficos, sociológicos, administrativos, entre outros que existem na ciência atual a Doutrina Espírita, ainda assim seria desconhecida, não pela ausência de pressupostos, teorias ou conceitos, mas pela dificuldade que os espíritas têm de aprofundar seus conhecimentos para ampliar a sua própria visão, e Léon Denis lembra “o futuro do Espiritismo será aquilo que dele os homens fizerem”.

Finalmente, é importante considerar a inexistência de uma discussão epistemológica do Espiritismo. Contudo, há fortes indícios da influência paradigmática oriunda da trajetória histórica de sua constituição nas práticas do Movimento Espírita, revelando não um paradigma imutável, mas um paradigma possível para o movimento em sua época e que agora desperta para uma nova configuração.

Referências Bibliográficas

BATESON, Gregory. *Steps to an Ecology of Mind*. 6a. ed. Nova York: Ballantine Books, 1972.

CHALMERS, Alan. *O Que é Ciência, Afinal?*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

FOUCAULT, Michael. *Vigiar e punir: Nascimento da Prisão*. Petrópolis, Vozes, 2000.

HARTMANN, Nicolai. *A Filosofia do Idealismo Alemão*. Trad. Gonçalves Belo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1976.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Fenomenologia do Espírito*. Trad. Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 2001.

HENRY, John. *A Revolução Científica e as Origens da Ciência Moderna*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

KAHHALE, Edna M. Peters (org). *A Produção do Conhecimento nas Revoluções Burguesas: Aspectos Relacionados à Questão Metodológica*. In: *A Diversidade da Psicologia*. Cortez Editora. São Paulo, 2008.

KANT, Immanuel. *A Crítica da Razão Pura*. ed.bolso. São Paulo: Martin Claret, 2002.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. ed. comemorativa. trad. Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, 2007.

_____. *A Gênese*. ed. bolso. trad. Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

_____. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 24^a. ed. bolso. Trad. Guillon Ribeiro, Rio de Janeiro: FEB, 2007.

KUHN, Thomas. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. 5a ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

OLIVA, Alberto. *Filosofia da Ciência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. A hegemonia da concepção empirista de ciência a partir do *Novum Organon* de Francis Bacon. In: *Epistemologia: a Cientificidade em Questão*. Campinas, Papirus, 1990.

PIRES, José. Herculano. *Introdução à Filosofia Espírita*. 3^a.ed.São Paulo:FEESP, 2000.

_____. Epistemologia Espírita. In: *Curso Dinâmico de Espiritismo*, Paidéia, 2000.

VASCONCELLOS, Maria José Esteves. *Pensamento Sistêmico. O Novo Paradigma da Ciência*. Editora PUC-MINAS/Papirus: Belo Horizonte, 2003.